

JUSTINO MÁRTIR: UM FILÓSOFO EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

Erico Tadeu Xavier¹

Resumo: A história da igreja foi marcada pelos sofrimentos e martírios sofridos pelos primeiros cristãos. Apesar disso, o Evangelho foi pregado a todo o mundo conhecido, sendo levado a autoridades e não cristãos de formas diferentes. A apologia foi utilizada por filósofos cristãos, entre eles Justino, que embora tenha sofrido perseguição e morte, manteve-se firme nos ideais cristãos, acreditando ter encontrado a verdadeira filosofia. Justino apresenta-se como exemplo de que o Evangelho de Cristo deve ser estudado, aceito, pregado e defendido mesmo sob as piores circunstâncias.

Palavras-chave: História da Igreja; Justino Mártir; Apologia

Abstract: Church history was marked by suffering and martyrdom endured by early Christians. Nevertheless, the Gospel was preached to all the known world, being led to authorities and non-Christians in different ways. The apology was used by Christian philosophers, among them Justin, although that has suffered persecution and death, stood firm on Christian ideals, believe they have found the true philosophy. Justin shows up as an example of the Gospel of Christ should be studied, accepted, preached and defended even under the worst circumstances.

Keywords: Church History; Justin Martyr, Apology

Introdução

A história da igreja nos primeiros séculos é cercada de perseguições e martírios, ao lado da expansão do cristianismo nas regiões greco-romanas. Relatos de historiadores mostram os fatos que ocorreram durante e, principalmente, após a vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, que levaram à expansão do cristianismo, não sem dificuldades dos primeiros cristãos na propagação do evangelho de Cristo e manutenção da fé, à custa de sofrimentos e da própria vida.

Ao discorrer sobre a história da Igreja cristã nos primeiros séculos é relevante analisar os cristãos que defenderam o cristianismo mesmo em prejuízo da própria vida,

¹ Doutor em Teologia e professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Bahia.
[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 24, dezembro de 2014]

diante das autoridades e filósofos da época. A perseverança na fé cristã dos mártires foi um ponto importante para a continuidade da religião cristã, e serve de exemplo para a defesa do cristianismo nos dias atuais, quando vivenciamos o tempo do fim, predito por Cristo Jesus.

1 A HISTÓRIA DA IGREJA NOS PRIMEIROS SÉCULOS: MISSÃO E MARTÍRIO

Os fatos históricos ocorridos com a igreja nos primeiros séculos foram narrados por Eusébio de Cesareia com o objetivo de registrar os feitos e sucessão dos santos apóstolos, bem como, as heresias, perseguições e proteção de Deus ao povo cristão². A Bíblia Sagrada também é fonte de estudo na história da Igreja já que relata a história da humanidade e como Jesus veio a fazer parte dessa história.

Ao tempo em que Jesus nasceu os judeus estavam sob a submissão do governo de Roma. Tanto os judeus em Jerusalém quanto os demais espalhados pelo mundo procuravam manter sua fé e tradição em meio a diferentes culturas, sofrendo, no entanto, a influência das mesmas. Em Israel havia diversas ideologias, entre eles os saduceus, fariseus, essênios e zelotes, que buscavam manter a fé e o patriotismo, fomentando nos judeus o desejo de libertação do poder romano³.

O cristianismo, embora tenha surgido com e a partir de Jesus Cristo, foi reconhecido como uma nova religião mediante a perseverança e fé dos apóstolos e discípulos de Jesus, ao enfrentarem a perseguição e martírio para dar continuidade aos ensinamentos de Cristo. Conforme relata Eusébio de Cesareia, embora com outra denominação, o cristianismo é uma invenção do passado, tendo surgido já com a criação do homem e passada aos descendentes pela palavra e ação de homens que se dispuseram a andar com Deus. Tanto estes antigos patriarcas quanto os seguidores de Cristo viviam segundo os mesmos preceitos, sendo que, a religião ensinada por Cristo não é nova nem estranha, mas a única, primeira e verdadeira⁴.

² Eusébio de Cesareia. História eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

³ Gonzáles, Justo L. A era dos mártires. v. 1. São Paulo: Vida Nova, 1995.

⁴ Eusebio de Cesareia, 2002. p. 20.

Ao sofrer o suplício da cruz, Jesus Cristo cumpriu as profecias dadas pelos antigos profetas e, ao ressuscitar, deu continuidade⁵, mediante o Espírito Santo, à obra de disseminar o Evangelho a todas as nações e ensinar a guardar os mandamentos de Deus (Mt. 28:19-20; Mc. 16: 15-20), através dos apóstolos e discípulos, tendo estes a recomendação de aguardar em Jerusalém a promessa do Espírito Santo (Lc. 24: 49), fato ocorrido durante a Festa de Pentecostes (At. 2) que levou à conversão milhares de pessoas.

Os primórdios da história cristã tiveram a influência do poder romano e desse veio tanto a perseguição e martírio dos cristãos quanto a possibilidade de expansão do evangelho de Cristo. Curtis afirma que “talvez o cristianismo não se expandisse de maneira tão bem sucedida caso o Império Romano não tivesse existido. Podemos dizer que o Império Romano era um tambor de gasolina à espera da faísca da fé cristã”⁶.

O Império Romano contribuiu, inicialmente, para a fé cristã, em quatro aspectos importantes: com a abertura religiosa inicial devido ao politeísmo; com a busca romana por crenças orientais; pelo comércio e envio de tropas às colônias do império; e pela difusão do latim e do grego como línguas universais⁷.

Entretanto, com o passar dos anos, o crescimento dos cristãos passou a ser considerado como uma ameaça ao poder romano⁸. Dentro do próprio sistema judaico, a perseguição aos apóstolos e discípulos de Cristo fica evidente nos relatos dos Atos, com a perseguição e prisão de Pedro e João, o martírio de Estêvão, a prisão de Paulo, entre outros fatos. A compreensão de que o cristianismo era diverso do judaísmo levou os

⁵ Eusebio de Cesareia (2002, p. 28), falando acerca do surgimento do Cristianismo, relata sobre Jesus: “Este era o Cristo. Havendo-lhe infligido Pilatos o suplício da cruz, instigado por nossos líderes, os que primeiro o haviam amado não cessaram de amá-lo, pois ao fim de três dias novamente apareceu-lhes vivo. Os profetas de Deus tinham dito estas mesmas coisas e outras incontáveis maravilhas sobre ele. A tribo dos Cristãos, que dele tomou o nome, ainda não desapareceu até hoje”.

⁶ Hatzenberger, Dionísio. História da igreja, 2012, p. 1.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ O Império Romano percebeu que a nova religião possuía diferenças acentuadas em relação ao judaísmo. Embora os judeus resistissem à cultura e religião greco-romana, o cristianismo passou a se organizar como religião, crescendo em número e em organização, sendo formadas igrejas em vários lugares. O evangelho chegou aos grandes centros da época e até os confins da terra devido a pregação de cristãos que viajavam a negócios, missão ou levados pela perseguição que dispersava os cristãos, fazendo com que a fé se expandisse. A perseguição do poder romano se deu tanto a cristãos quanto a judeus, e acabou se concentrando nos cristãos, por serem estes considerados um risco pelo fato de transcenderem as fronteiras judaicas, levando a religião também a outros povos e incitando a revolta contra Roma. Nero foi o primeiro dos perseguidores, tendo prazer em martirizar os cristãos. Outros imperadores o sucederam no martírio, e o imperador Trajano ordenou que os cristãos deveriam ser acusados perante as autoridades, castigados pela rebeldia e mortos, se não negassem a Cristo. A política de Trajano perdurou até o fim do século e, embora não houvesse perseguição direta da Igreja, os períodos de perseguição foram marcados por mortes e sofrimentos daqueles que se recusavam a abandonar a fé e negar o Cristo. (Ver mais em González, 1995).

governantes romanos a repensarem sua atitude em relação à nova religião iniciada, especialmente pela quantidade de pessoas que se convertiam pela pregação dos apóstolos. O incêndio em Roma, no ano de 64 d.C., serviu como motivo para o imperador Nero perseguir os cristãos, sendo que, de 64 a 68, os cristãos sofreram perseguição e martírio, servindo de espetáculo para o povo. A destruição de Jerusalém e do Templo (no ano 70 d.C.) serviu para impulsionar o evangelho para além das fronteiras israelenses, sendo este levado a judeus e gentios.

Conquanto crescesse o número de fiéis, os martírios e sofrimentos infligidos aos cristãos eram muitos, sendo que os primeiros a sofrer esses sofrimentos foram os próprios apóstolos e discípulos diretos de Cristo. Consta nos escritos históricos e na tradição o martírio de vários dos apóstolos, que perderam suas vidas por meio da cruz, do fogo, apedrejamento e outras formas cruéis, além da prisão mediante condições desumanas⁹. A Igreja dos primeiros três séculos passou, portanto, literalmente, pela cruz, como reforça Xavier¹⁰: “até o terceiro século da era cristã a cruz realmente pautou a atuação da igreja. E é prova evidente disso o fato de tal período ter ficado conhecido como a ‘era dos mártires’”.

A história da igreja primitiva testemunhou do cumprimento das palavras do Salvador. Os poderes da Terra e do inferno arregimentaram-se contra Cristo na pessoa de Seus seguidores. O paganismo previa que se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam; portanto convocou suas forças para destruir o cristianismo. Acenderam-se as fogueiras da perseguição. Os cristãos eram despojados de suas posses e expulsos de suas casas. Suportaram “grande combate de aflições”. Hebreus 10:32. “experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões”. Hebreus 11:36. Grande número deles selaram seu testemunho com o próprio sangue. Nobres e escravos, ricos e pobres, doutos e ignorantes, foram de igual modo mortos sem misericórdia¹¹.

A realidade apresentada aos cristãos era dura, mas sua resistência estava firmemente calcada sobre a Rocha, que é Cristo e, conquanto “os obreiros de Deus eram mortos, a Sua obra ia avante com firmeza. O evangelho continuava a espalhar-se, e o número de seus aderentes a aumentar”¹². A doença, dificuldades e martírio fizeram parte da vida dos cristãos nos primeiros séculos e ao longo da história, porém, a virtude

⁹ Referência ao martírio dos apóstolos pode ser encontrada em Justo Gonzalez: *A Era dos Mártires*, 1995; Érico T. Xavier, *Teologia da Prosperidade: História, Análise e Implicações*, 2009; Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 1976, entre outros.

¹⁰ Xavier, 2009, p. 138.

¹¹ White, Ellen. *O conflito dos séculos*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985, p. 37-38.

¹² *Ibidem*, p. 39.

do Evangelho não deixou de ser pregada, de uma forma ou de outra, pelo exemplo, pela palavra falada ou escrita¹³.

2 A APOLOGÉTICA DOS CRISTÃOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Embora a doutrina de Cristo tenha sido dada como pura e verdadeira, e os apóstolos disseminassem Seus ensinamentos da maneira mais fiel possível, a Igreja incorporava todo tipo de pessoas, e a angústia da perseguição e martírio, aliada ao convívio de doutrinas estranhas ao Evangelho, se bem que mascaradas sob o véu do cristianismo, serviram de ponte para a aceitação de muitas práticas contrárias ao verdadeiro culto. Isso ocorreu porque, em todas as épocas, e mesmo na condição mais aprazível, a igreja é composta de pessoas de caráter diversificado que, pela condescendência com o pecado e as facilidades do mundo, deixam as claras verdades serem mescladas com mentiras e enganos¹⁴.

Essa realidade fez com que o cristianismo fosse alvo de críticas e contradições, sendo associados aos cristãos suspeitas de imoralidades, vícios, sacrifícios, rebeldia e ignorância. Os cristãos eram chamados de ateus pelos filósofos e pelo povo, por não cultuarem um deus visível, por não participarem de atividades sociais ligadas ao paganismo, não comerem comida sacrificada aos ídolos e não terem parte no exército. Dentro da própria igreja, havia discussões doutrinárias e interpretativas que prejudicavam a pureza do Evangelho¹⁵.

Para combater essas acusações e visão distorcida do cristianismo e defender a postura dos cristãos, alguns filósofos cristãos se levantaram mediante exemplo de vida e através de seus escritos, chamados de apologetas¹⁶ por defenderem a legitimidade do

¹³ Justo Gonzalez (1995) relata alguns fatos do período, destacando alguns nomes que tiveram importância na confissão da fé, mesmo diante do martírio, entre eles: Inácio de Antioquia, discípulo do apóstolo João, que embora perseguido, preso e martirizado, escrevia às igrejas e dava testemunho vivo de Jesus Cristo diante do povo e das autoridades; Policarpo, de Esmirna, que morreu na fogueira, dando graças e glorificando a Deus.

¹⁴ A esse respeito, ver Ellen White, O Conflito dos Séculos, 1985, cap. 2.

¹⁵ Gonzales (1995) refere-se a duas principais correntes de pensamentos hereges que tentaram seduzir a igreja já nos seus primórdios: o gnosticismo e os ensinamentos de Márcion. Mediante explicações filosóficas, não baseadas na Palavra de Deus e nos ensinamentos de Jesus, mas deturpando esses ensinamentos, ambos negavam a criação, o nascimento virginal de Cristo, a ressurreição e o juízo final.

¹⁶ Apologética é um termo de origem grega (apologéō) que significa defesa. Trata-se de uma doutrina ou arte da defesa utilizada pelos filósofos cristãos em defesa do cristianismo confrontando doutrinas e ideologias que se opõem ao evangelho. Essa defesa ocorre de maneira intelectual, argumentada, sob bases teológicas, científicas e filosóficas. Bortolotto; Souza; Kilpe, Dicionário brasileiro de teologia, 2008, p. 58.

cristianismo, e passaram a levar às autoridades e aos não-cristãos a verdade do Evangelho cristão. Diante dos ataques à igreja cristã, lançados pelo judaísmo, paganismo, estado e filosofia grega, a defesa do Evangelho e dos cristãos foi extremamente necessária¹⁷.

Os apologetas queriam manifestar diante da opinião pública a verdadeira natureza do Cristianismo. Eles tinham a preocupação de demonstrar a conformidade do Cristianismo com o ideal helênico. Proclamavam – na maioria dos casos – a aliança do Cristianismo e da Filosofia. Queriam mais do que somente tolerância. Mostravam que os cristãos eram os melhores cidadãos do Império e que o Cristianismo favorecia a grandeza do Império¹⁸.

A defesa da fé e da igreja cristã mediante a literatura apologética teve início com Quadrato, em 124/125 d.C, o qual apresentou, perante o imperador Adriano enquanto este estava em Atenas, uma defesa voltada a afirmar a realidade das curas e ressurreições realizadas por Jesus, com o intuito de defender a verdade do cristianismo. Ao mesmo tempo, Aristides apresentou também sua apologia onde afirmou que “[...] os cristãos conhecem verdadeiramente a Deus e observam seus mandamentos. Deve-se pois deixar de caluniá-los e, ao contrário, aproximar-se de sua religião, para não ser condenado no Juízo”¹⁹.

Entre 150 e 165 destacou-se Justino, que defendia o cristianismo como sendo “a verdadeira filosofia”. Justino foi considerado como o principal dos apologistas gregos do século II. Após passar por longa peregrinação espiritual, analisando diferentes doutrinas (estóicas, aristotélicas, pitagóricas e platônicas), Justino se convenceu de que o cristianismo era mais proveitoso que as demais filosofias, e passou a defendê-lo de diversas maneiras, por meio de seus ensinamentos, em seus escritos e em sua vida e morte como mártir²⁰. Dele se conservam três obras: duas apologias e um relato de discussão com um rabino judeu, chamado “Diálogo com Trifon”²¹. Das apologias, uma é direcionada a Antonino Pio e seus filhos Marco Aurélio e Lúcio Vero e ao senado, e outra dirigida a Marco Aurélio. Em suas defesas, Justino reivindica aos cristãos tanto as verdades contidas na filosofia dos gregos e bárbaros quanto as verdades dos hebreus,

¹⁷ Champlin, R.N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, v.1, p. 234-236. 1995.

¹⁸ Fluck, Marlon Ronald. Teologia dos pais da igreja. Curitiba: Escritores Associados, 2009, p. 31.

¹⁹ Moreschini, Cláudio; Norelli, Enrico. História da literatura cristã antiga grega e latina. I – de Paulo à Era Constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996. p. 276.

²⁰ González, Justo. Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé. Santo André: Academia Cristã, 2005, p. 387.

²¹ *Ibidem*, p. 388.

contidas nas Escrituras. Demonstra a virtude dos cristãos, sua esperança de um reino eterno e futuro, não humano, e apresenta a doutrina e prática cristãs, mostrando, por inferências e exemplos, a verdade contida no cristianismo²².

Outros apologistas da mesma época que se destacam foram: Taciano, discípulo de Justino, que compôs “Discurso aos gregos”; Atenágoras, que escreveu “Defesa dos cristãos” e um tratado “Sobre a ressurreição dos mortos”. Por volta do ano 180, o bispo de Antioquia, Teófilo, escreveu “Três livros a Autólico”, tratando da doutrina cristã de Deus, a interpretação das Escrituras e a vida cristã, refutando as objeções dos pagãos sobre essas questões. No século terceiro Orígenes, de Alexandria, escreveu uma refutação “Contra Celso”. Todas essas obras foram escritas em grego, sendo que, na língua latina, destacam-se dois escritos apologéticos: a “Apologia”, de Tertuliano, e o “Otávio”, de Minúcio Félix²³.

Como gênero literário, portanto, as apologias alcançaram os imperadores, filósofos e pessoas cultas da época, assim como pessoas de fora dos círculos cristãos. Suas principais intenções eram fazer com que o cristianismo fosse visto como um ideal de vida, que podia ser aceito e vivido em conformidade com a cultura greco-romana, sem necessidade de serem os cristãos perseguidos, mortos ou marginalizados.

3 JUSTINO: VIDA, CONVERSÃO E MARTÍRIO

Justino Mártir (100-165 d.C.), como é conhecido, foi um filósofo que viveu no período do Imperador Antonino Pio e de Marco Aurélio, no século II. Acredita-se que ele nasceu depois do ano 100 d.C., em Flavia Neapolis (atual Naplusa), na Síria-Palestina, ou Samaria, a Siquém dos tempos bíblicos (Palestina)²⁴. Seu pai foi Prisco e seu avô Báqui. De família pagã e grega, cresceu em Samaria, tendo contato com judeus e samaritanos. Sua educação incluiu retórica, poesia e história e, quando jovem, mostrou interesse por filosofia, estudando diversas teorias filosóficas até conhecer o cristianismo. A ânsia pela verdade levou-o a buscar respostas nas escolas estóica, peripatética, pitagórica, neo-platônica, e peregrinava indo onde quer que pudesse encontrá-la. Chegando a Éfeso, encontrou discípulos do apóstolo João, entrando em

²² Moreschini; Norelli, 1996. p. 277.

²³ Destaca González (1995, p. 87) que todas estas obras são importantes porque é quase exclusivamente através delas que conhecemos os rumores e críticas dos quais os cristãos eram objeto, e também porque nelas vemos a igreja enfrentando pela primeira vez a tarefa de responder à cultura que a rodeia.

²⁴ Walde, Rick. Justino mártir: defensor da igreja. 2000; Fluck, 2009.

contato com “um cristianismo de atos e não só de palavras”²⁵. Um cristão idoso, do qual não menciona o nome, indicou-lhe a leitura das Escrituras e dos profetas e, mediante o estudo da Bíblia e do contato com os cristãos, Justino encontrou a verdade que buscava, convertendo-se ao cristianismo²⁶, muito embora continuasse a usar o manto de filósofo como símbolo de pregador itinerante. A respeito de sua conversão, comenta Walde que:

Justino foi introduzido na fé diretamente por um velho homem que o envolveu numa discussão sobre problemas filosóficos e então lhe falou sobre Jesus. Ele falou a Justino sobre os profetas que vieram antes dos filósofos, ele disse, e que falou "como confiável testemunha da verdade". Eles profetizaram a vinda de Cristo e suas profecias se cumpriram em Jesus. Justino disse depois que "meu espírito foi imediatamente posto no fogo e uma afeição pelos profetas e para aqueles que são amigos de Cristo, tomaram conta de mim; enquanto ponderava nestas palavras, descobri que a sua era a única filosofia segura e útil [...] é meu desejo que todos tivessem os mesmos sentimentos que eu e nunca desprezassem as palavras do Salvador". Justino buscou cristãos que lhe ensinaram história e doutrina cristã e então "se consagrou totalmente a expansão e defesa da religião cristã"²⁷.

Em sua caminhada cristã, ensinou estudantes em Éfeso e chegou a Roma em 150 d.C., onde fundou uma escola filosófica, debatendo com não-cristãos, tanto pagãos, quanto judeus ou hereges, em defesa do cristianismo. Para Justino, o cristianismo era a “verdadeira filosofia”, sendo que os cristãos eram “os autênticos herdeiros da civilização greco-romana”²⁸. Considerava que os adversários do cristianismo insultavam a razão e a moral. Phillip Schaff²⁹ comenta que a cultura clássica e filosófica adquirida por Justino antes de sua conversão foi colocada a serviço da defesa da fé, sendo que sua convicção na verdade de Cristo era completa e confessou sua fé tanto em vida quanto no martírio da morte.

A procura incansável pela verdade levou Justino a se tornar um distinto filósofo do pensamento grego, adotando, principalmente, a filosofia de Platão, que, para ele, tinha muita semelhança com os ensinamentos judaicos no que diz respeito à Palavra de Deus (*Logos*, Verbo). Isso fica evidente na Apologia escrita a Antonino Pio, na qual

²⁵ Fluck, 2009, p. 32.

²⁶ Justino tinha um desejo ardente de aprender a essência da filosofia e buscava filósofos de grande fama para serem seus mentores. No entanto, andando à beira-mar, um ancião cristão lhe chamou a atenção pela presença agradável, doçura e seriedade, e Justino ouviu sobre a vida de Jesus Cristo, Seus ensinamentos e o plano da redenção, e abraçou o evangelho de Cristo como a mais perfeita filosofia. Cf. Vila, Samuel. Santamaria, Dario A. Enciclopédia Ilustrada de História de la Iglesia. Barcelona: Editorial Clie, 1989, p. 402.

²⁷ Walde, 2000, p. 1.

²⁸ Fluck, 2009, p. 32.

²⁹ Schaff, Phillip. Ante-Nicene Christianity: A.D. 100-325. v. II. In: History of the Christian Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1910, p. 714.

afirma que sua conversão da filosofia grega ao cristianismo se deu com juízo e razão: “porque também eu mesmo, que me comprazia nos ensinamentos de Platão, ao ouvir as calúnias contra os cristãos e vê-los irem intrépidos para a morte e para tudo que é terrível, comecei a pensar [...]”³⁰.

Seu raciocínio filosófico levou-o a traçar comparativos entre a filosofia e a fé. Os melhores filósofos já falavam de um ser supremo que está acima de todos os seres e do qual todos derivam sua existência. A vida além da morte física já era afirmada por Sócrates e Platão que compreendiam que existe outra realidade eterna além deste mundo e Justino também demonstra crer nessa realidade, com o diferencial de que o centro da esperança cristã não é a imortalidade da alma, mas a ressurreição do corpo³¹. A doutrina do Logos, baseada na razão, na compreensão racional do universo, foi utilizada por Justino para explicar e defender que a filosofia humana está a serviço de Deus e conduz a Cristo. Mediante o Logos, Justino ensinava que “a razão fundamental do universo, o verbo ou palavra (logos) de Deus, se fez carne em Jesus Cristo”, conforme descreve João 1:14³².

Ainda sobre o Logos, Justino explicava que, assim como esse verbo (Jesus) é a luz que ilumina todo aquele que vem ao mundo, sendo a fonte de todo conhecimento verdadeiro, os antigos hebreus já criam em Cristo antes mesmo de sua encarnação e muitos pagãos também haviam conhecido o mesmo verbo, pelo menos em parte, por meio do Logos. Dessa forma, Justino cria que alguns filósofos, como Sócrates e Platão, e alguns sábios da antiguidade, eram cristãos por terem recebido a sabedoria que provinha do Logos (Cristo), embora conhecendo-o parcialmente. Aos cristãos foi dado conhecer tal qual ele é pela sua encarnação. Mediante essas comparações Justino associou o conhecimento filosófico ao conhecimento cristão, construindo pontes entre ambos³³.

³⁰ Eusébio de Cesareia, História eclesiástica. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002, p. 80.

³¹ Muito embora sua compreensão do Logos seja mais ampla e direcionada a Cristo, Justino tinha um pensamento teológico limitado quanto ao seu entendimento sobre a alma preexistente, o que parece ter sido comum a alguns teólogos cristãos dos primeiros séculos, como comenta Champlin: “para diversos teólogos cristãos, como Justino Mártir, Clemente e Orígenes, a alma seria parte da criação angelical, não tendo substância diversa da dos anjos, quanto à sua natureza básica. Os anjos e os homens caíram no pecado, e, nessa queda, os homens finalmente assumiram corpo físico, o que é sinal evidente da degradação e descendência da alma. Mas, em retorno para Deus, o homem se libertará finalmente do corpo físico, e habitará nos mundos da imortalidade”. (Champlin, 1995, p. 116).

³² González, 1995, p. 93.

³³ Ibidem, p. 91-92.

Por meio das reflexões sobre o Logos como fonte de conhecimento e da moral comum³⁴, “Justino identificou Cristo como sendo a alma do mundo” e propôs haver uma continuidade da “busca empreendida pelos filósofos durante toda a história da filosofia grega e que se deu na pessoa de Jesus Cristo”³⁵.

Conquanto tenha defendido a filosofia cristã e os cristãos, Justino teve que encarar a própria defesa de sua fé, diante das autoridades romanas. Sua firme convicção da verdade de Cristo levou-o a enfrentar a morte de mártir, por volta de 165 d. C., em Roma. Eusébio de Cesareia comenta que, pouco tempo depois de dedicar as apologias aos imperadores, defendendo a doutrina cristã, foi ele mesmo “adornado com o sagrado martírio”³⁶. Segundo consta nos escritos históricos, Justino teve desavenças com Crescente (ou Crescêncio), um filósofo conhecido como cínico, e em alguns debates Justino o havia repreendido na presença de seus ouvintes. Num desses debates, o filósofo Crescente desafiou Justino acerca do cristianismo e este saiu vencedor, o que induziu Crescente a buscar vingança, acusando seu adversário perante os tribunais³⁷. Sendo amigo do prefeito Júnio Rústico, que havia sido um dos mestres de filosofia do imperador, Crescente acusou a Justino e seis de seus discípulos, entre eles uma jovem de nome Caridade. O juiz tentou convencê-los a negar sua fé, “mas Justino respondeu que, depois de haver estudado toda classe de doutrinas, havia chegado à conclusão de que a cristã era a verdadeira, e que, portanto, não estava disposto a abandoná-la”³⁸. As últimas palavras de Justino diante de Rústico foram:

Nosso mais ardente desejo é sofrer por amor a nosso Senhor Jesus Cristo, pois este sofrimento se nos converterá em motivo de salvação e confiança diante do tremendo e universal tribunal de nosso Senhor e Salvador. Faça o que quiseres, porque nós somos cristãos e não sacrificamos aos ídolos³⁹.

Diante da recusa de Justino e dos discípulos em negar sua fé, o prefeito ordenou sua execução. Estes, glorificando a Deus, foram açoitados e em seguida decapitados.

³⁴ Fluck (2009, p. 33) explica que o que se entendia na filosofia como razão universal imanente em todas as coisas foi relacionados como semente racional presente em todo ser humano (Logos spermatikós, ou semente do logos).

³⁵ Ibidem, p. 33. A busca pela verdade conduz a Cristo, que é o Verbo, o Logos de Deus. Justino acreditava que a lei de Deus serviu de aio para conduzir a Cristo da mesma maneira que a filosofia, já que, para ele, “toda a verdade é verdade de Deus”.

³⁶ Eusébio de Cesareia, 2002, p. 88.

³⁷ Justino acusava Crescente de pederasta, além de afirmar que os filósofos eram glutões e embusteiros, o que foi a causa do martírio de Justino (ibidem, p. 88).

³⁸ González, 1995, p. 75.

³⁹ ROPERO, Alfonso. Lo Mejor de Justino Mártir, Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 36.

Alguns dos fiéis levaram seus corpos às escondidas e os enterraram em local conveniente⁴⁰.

A vida de Justino pode ser comparada à de Paulo no que diz respeito a descendência e defesa do cristianismo junto aos gentios. Ambos tinham vivido entre judeus e gentios, tinham boa formação e usavam da argumentação para convencer judeus e gentios a respeito de Cristo. Ambos foram martirizados em Roma, devido à sua fé⁴¹. Convertido ao cristianismo, não deixou de ser filósofo, dedicando-se a expor uma filosofia cristã, explicando a relação entre o cristianismo e a sabedoria clássica. Ao chegar o momento de testificar sua fé em Cristo perante as autoridades greco-romanas, o fez com firmeza em prejuízo da própria vida, tornando-se mártir⁴². Embora não tenha apresentado o cristianismo da forma como hoje o conhecemos, pode-se afirmar que ele foi quem melhor explicou e defendeu as crenças cristãs, promovendo o desenvolvimento da teologia e apologética da Igreja nos seus primórdios.

4 OBRAS DE JUSTINO, O MÁRTIR EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

Como amante sincero da verdadeira filosofia, Justino continuou a se exercitar na filosofia grega, adotando, porém, os ideais cristãos e defendendo a filosofia cristã e a verdade, o que é percebido em suas obras. Eusébio de Cesareia cita que: “Justino deixou-nos um grande número de obras, extremamente úteis, testemunho de uma inteligência cultivada e empenhada nas coisas divinas”⁴³. Entre suas obras o autor destaca⁴⁴: duas Apologias, discursos apologéticos dirigidos a Antonino Pio, seus filhos e ao senado romano, e a Antonino Vero; “Discurso aos Gregos” onde discute questões filosóficas e cristãs e a natureza dos demônios; livro contra os gentios, com o título “Refutação”; obra “Sobre a monarquia de Deus”, onde demonstra essa soberania nas Escrituras e nas obras dos gregos; e outras obras, como “Psaltes” e “Observações sobre a Alma”, propondo questões e opiniões prevalentes entre os filósofos gregos a serem refutadas; “Diálogo com Trifão”, onde discursa sobre as profecias dos hebreus e menciona o Apocalipse de João. Além destas, outras obras de Justino são citadas por

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Hatzenberger, 2012, p. 1.

⁴² González, 1995, p. 91.

⁴³ Eusébio de Cesareia, 2002, p. 90.

⁴⁴ Ibidem.

Irineu. Suas obras, em geral, eram dirigidas contra os hereges, em especial os gnósticos e Marcião, mas também escreveu alguns tratados filosóficos.

No tratado “Contra Márcion”, refuta os ensinamentos deste que instigavam a crer em outro deus maior do que o criador, proferindo blasfêmias e negando que o criador do universo seja o Pai de Cristo. Embora Marcião fosse considerado cristão, ensinava que o Antigo Testamento não devia ser seguido pelos cristãos por ser muito diferente dos ensinamentos de Cristo. Os judeus, por sua vez, também diziam que os cristãos interpretavam mal o Antigo Testamento, vendo nele a preparação para a vinda de Jesus. Essas discussões propiciaram a Justino escrever “Diálogo com Trifão”, onde ele argumenta com o judeu Trifão acerca da relação entre a fé cristã e o Antigo Testamento, utilizando-se de tipologias visando demonstrar como se interpreta o Antigo Testamento⁴⁵, afirmando que “[...] o Antigo Testamento aponta para Jesus principalmente de dois modos: mediante suas palavras proféticas e mediante atos e ações que são ‘figuras’ ou ‘tipos’ que também apontam para Jesus”⁴⁶. A interpretação tipológica de Justino baseia-se nos próprios fatos históricos, em particular nos fatos da vida de Jesus.

Os debates que empreendia com filósofos e não-cristãos em defesa do cristianismo como filosofia verdadeira, e dos próprios cristãos que sofriam a perseguição e martírio devido a sua fé, levou-o a escrever para as autoridades e o senado romano. Baseando-se em sua fé, no conhecimento filosófico e das Escrituras, no exemplo de vida dos cristãos e servindo-se de argumentos de autoridades que pleiteavam em favor dos cristãos⁴⁷, Justino compôs duas Apologias que enviou ao Imperador Antonino Pio e seus filhos e ao senado romano, tentando demonstrar que o cristianismo é digno de ser observado, que os cristãos são pessoas boas e sábias, que a perseguição aos mesmos é fruto de ignorância e preconceito, e explica o que ocorre no culto cristão, seus sacramentos e o motivo de rejeição dos ídolos⁴⁸.

⁴⁵ Roper, Afonso. *Lo Mejor de Justino Mártir*, Barcelona: Editorial Clie, 2004, p. 366.

⁴⁶ Daí se entender que o cordeiro pascoal com cujo sangue foram marcadas as portas dos israelitas no Egito corresponde a Cristo sendo morto na cruz, como o cordeiro profetizado por Isaias 53:7. González, Justo L. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. Santo André-SP: Editora Academia Cristã Ltda, 2005, p. 388.

⁴⁷ Um dos argumentos anexados à Primeira Apologia por Justino é a carta de Serenio Graniano, governador, que enviou a Adriano, pai de Antonino, uma carta onde considerava não ser justo o tratamento dado aos cristãos, sem acusação, e refutando a condenação à morte sem julgamento. Este ordenou que ninguém fosse julgado sem denúncia e sem acusação razoável, argumento que Justino utiliza em favor dos cristãos, na apresentação da defesa perante Antonino e o senado romano. Eusébio de Cesareia, 2002, p. 81. Ver também Olson, Roger. *História da Teologia Cristã*, São Paulo: Vida, 2001, p. 58.

⁴⁸ Acerca desse parecer, ver Justino. *I Apologia de Justino de Roma*. In: *Padres Apostólicos*. 2. ed. Trad. Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. Coleção Patrística.

A primeira Apologia⁴⁹, escrita em torno de 155, foi enviada a Antonino Pio “conclamando-o a dar um tratamento mais justo aos cristãos e a revogar os decretos de perseguição”. Enquanto explicava e defendia sua fé, discutia com as autoridades romanas sobre o erro de perseguir os cristãos, afirmando que deveriam ser unidas forças ao cristianismo para combater a falsidade dos sistemas pagãos.

A segunda Apologia (considerada por muitos como um anexo, adendo, da primeira) foi enviada ao senado romano por volta do ano 160 d.c. Nesta, mostra com maior veemência e inconformismo seu desagrado diante do injusto tratamento dispensado aos cristãos e apresenta o Cristo-Logos como o agente que executou o plano da criação e salvação divino. Destaca a sabedoria dos filósofos como proveniente do Logos (Deus) e afirma que Cristo é o Verbo, manifestado por nós, tornado corpo, razão e alma⁵⁰. Ainda nessa apologia, atribui a Cristo a expressão “Logos Spermatikos” (verbo seminal, ou semente da razão), significando que dEle procedem todas as coisas⁵¹.

Em defesa dos cristãos, apresentou o relato de exemplos de pessoas que haviam sido perseguidas e mortas tão-somente pela fé em Cristo, muito embora apresentassem uma vida digna⁵². A isso se opunha Justino em suas apologias, sendo sua primeira meta defender os cristãos pelo tratamento injusto recebido, que considerava como preconceito e ignorância, já que os imperadores e governadores sentenciavam os cristãos somente por prestarem um culto a um Deus diferente dos deuses gregos e romanos. Justino enfatizou que os cristãos adoravam ao Deus verdadeiro, ao Pai, Filho e Espírito Santo, com razão e verdade e, por isso, não havia motivo para perseguir e matar os cristãos somente pelo nome que professavam⁵³.

Alegava ele que a vida e exemplo dos cristãos demonstravam que os mesmos obedeciam às leis de Roma, mas quanto à sua fé tinham em Deus seu líder maior. Buscando um reino eterno, futuro, não estavam ameaçando o reino terreno de Roma, prova disso que morriam serenamente, crendo que suas vidas seriam restauradas para o reino de Deus. Sua vida e conduta de paz deveriam ser seguidas pelas autoridades, pelo código moral com que se conduziam, crendo que, um dia, estariam diante de Deus e deveriam prestar contas de seus atos. Eram fiéis pagadores de impostos, ensino dado por Jesus (Mt. 22:20-21) e sua vida correta estava em acordo com a filosofia grega. Assim,

⁴⁹ Matos, Alderi Souza de. Fundamentos da teologia histórica. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 34.

⁵⁰ Justino. I Apologia, 1995, p. 100.

⁵¹ Ibidem, p.104.

⁵² Ver relato de Justino na defesa apologética entregue a Antonino Pio (Eusébio de Cesareia, 2002, p. 82).

⁵³ Walde, Rick, 2000, p. 1.

os cristãos, como o próprio Justino, adoravam a Deus, mas prestavam obediência aos reis e governantes dos homens, como Cristo ensinou⁵⁴.

Assim, diante do senado romano e do imperador, Justino defendeu o cristianismo como verdade, em suas Apologias. Essa defesa foi importante, já que “a razão e a busca da verdade eram muito valorizadas pela intelectualidade romana” e o cristianismo deveria ser mostrado como uma crença racional⁵⁵. Utilizando-se da crença do Logos, Justino demonstrou a verdade do cristianismo a partir da vinda de Cristo, o Logos de Deus, predita por milhares de anos pelos profetas hebreus, mediante o ensino do Espírito Santo⁵⁶.

Para Justino, portanto, o cristianismo era a “alta razão”, e Jesus era o cumprimento das profecias antigas de que Ele viria como Filho de Deus, e essas profecias eram anteriores aos filósofos gregos, o que por si só já dava credibilidade a elas. Sendo o Logos a “razão pré-existente, absoluta, pessoal, e Cristo a encarnação dele”, o cristianismo contém a racionalidade necessária para ser aceito e compreendido pela filosofia grega. Dessa maneira, defendendo o cristianismo, Justino defendeu a fé cristã, referindo-se à fé em Cristo como forma de justificação e transformação, sendo essa fé totalmente racional⁵⁷.

Muito embora a teologia de Justino tenha algumas interpretações questionáveis, sua obra como um todo contribui para explicar a fé cristã baseada nas Escrituras como a fonte suprema de autoridade, cujas profecias podem ser compreendidas somente pela Graça de Deus⁵⁸. Seus escritos voltam-se para a pessoa de Cristo e Sua obra, sendo Justino o primeiro teólogo a tentar explicar a relação de Deus Pai com o Verbo, a teologia trinitária e a visão do porvir e crença no Reino Milenar. Sua teologia ganhou destaque pela erudição e fervor manifestado em seus escritos, sendo ele um marco na história da igreja e um referencial inspirador da autêntica fé cristã para todas as gerações.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Assim expôs Justino em sua Apologia: Nos livros dos profetas, de fato, nós encontramos a Jesus nosso Cristo predito como vindo a nós nascido de uma virgem e pregando a humanidade, curando cada enfermidade e doença, ressuscitando mortos, sendo odiado, irreconhecido e crucificado, ressuscitando, ascendendo ao Céu e se chamando e realmente sendo o Filho de Deus. E que Ele enviaria certas pessoas a cada nação para fazer conhecido estas coisas e que os gentios acreditariam [antes que os judeus] nele. Ele foi predito, em verdade, antes que Ele realmente aparecesse, primeiro cinco mil anos antes, depois quatro mil anos, então três mil, então dois mil, então mil e finalmente oitocentos. Por isso, novos profetas vieram anos depois. (cf. Justino, I Apologia, 31.7-8, 1995).

⁵⁷ Schaff, 1910, p. 723.

⁵⁸ Patrística. I Apologia de Justino de Roma. Trad. Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995, p. 198.

Considerações Finais

Ao aceitar o cristianismo como “a verdadeira filosofia”, Justino, o Mártir, compreendeu que a fé cristã deve ser observada também mediante a razão, para alcançar a todos, desde as mentes mais simples às mais doutas.

Nesse sentido, Justino pode ser considerado um embaixador da Palavra de Deus no século II. Sua compreensão das Escrituras Sagradas e da filosofia ergueu pontes para que o Evangelho de Cristo fosse ouvido por imperadores, membros do governo, da sociedade e do povo. Por isso é considerado o principal apologista da fé cristã em sua época, apresentando o Evangelho perante a classe greco-romana de forma consistente, apoiando-se na filosofia, nas Escrituras, na vida e ensinamentos de Cristo e na vida prática dos cristãos. Seu conhecimento e poder argumentativo possibilitou apresentar aos não-cristãos, aos filósofos e autoridades a defesa da fé mesmo diante da morte, seguindo o exemplo apostólico.

O apóstolo Pedro incentiva aos cristãos a obter conhecimento da verdade mediante a santificação, para estar preparado a “responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Justino levou esse conselho a sério, entendendo que o cristianismo deve refletir a sabedoria divina e o conhecimento da verdade tal como é dada nas Escrituras, mas de modo racional, crítico, sem minimizar a importância da fé em Cristo. Estar preparado para responder àqueles que questionam a fé cristã equivale a estar firmado na Palavra de Deus, com amplo conhecimento das Escrituras e da fé que professa, buscando argumentos racionais para justificar sua crença, o que implica em conhecer os aspectos nos quais a Igreja se fundamenta sejam questões doutrinárias, científicas e/ou filosóficas.

Assim como Justino, o cristão hoje precisa estar preparado para a confrontação, de modo que possa responder em que e por que acredita, firmando-se na Palavra de Deus e na verdade nela revelada. A fé, nessa perspectiva, não deve ser cega, mas ser explicada de maneira inteligível e coerente com o registro bíblico formando pontes com a ciência, a filosofia, de tal modo que se levantem, hoje, apologistas para defender a igreja de Deus. Sobretudo, apologistas que não somente defendam sua crença, mas também mostrem a importância de ser verdadeiros cristãos, afirmando-se na verdade, respeitando os ensinamentos de Cristo, mostrando que o Reino de Deus faz a diferença na vida e na comunidade cristã.

Referências

BORTOLLETO, Fernando. SOUZA, J. Carlos. KILPP, Nelson (eds). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia**. v. 1. São Paulo: Candeia, 1995.

EUSÉBIO de Cesareia. **História eclesiástica**: os primeiros quatro séculos da igreja cristã. Trad. de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Escritores Associados, 2009.

GONZÁLEZ, Justo L. **A era dos mártires**. v. 1. In: _____. **E até aos confins da Terra**: uma história ilustrada do Cristianismo. Trad. Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**. Santo André-SP: Academia Cristã Ltda, 2005.

HATZENBERGER, Dionisio. **História da igreja**. 2012. Disponível em: <<http://hist-igreja.blogspot.com.br/p/cristianismo-nos-seculos-i-e-ii.html>>. Acesso em: 03 abr 2013.

JUSTINO. **I Apologia de Justino de Roma**. In: Padres Apostólicos. 2. ed. Trad. Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. Coleção Patrística.

MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. **História da literatura cristã antiga grega e latina**. I – de Paulo à Era Constantiniana. São Paulo: Loyola, 1996.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã**. São Paulo: Vida, 2001.

PATRÍSTICA. **Apologia de Justino de Roma**. Trad. Ivo Storniolo; Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

ROPERO, Alfonso. **Lo mejor de Justino mártir**. Barcelona: Editorial Clie, 2004.

SCHAFF, Phillip. Ante-Nicene Christianity: A.D. 100-325. v. II. In: **History of the christian church**. Grand Rapids: Eerdmans, 1910.

VILA, Samuel; SANTAMARIA, Dario A. **Enciclopédia ilustrada de história de la iglesia**. Barcelona: Editorial Clie, 1989.

WALDE, Rick. **Justino mártir: defensor da igreja**. 2000. Disponível em: <<http://logoshp.6te.net/APO25.htm>>. Acesso em: 03 abr 2013.

WHITE, Ellen. **O conflito dos séculos**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

WHITE, Ellen. **Atos dos apóstolos**. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

XAVIER, Érico T. Teologia da prosperidade: história, análise e implicações. **Kerygma**, a. 5, n. 2, p. 120-147, 2. sem. 2009.